



# LONDRINA DOCUMENTA

COLEÇÃO FOTOGRÁFICA JOSÉ JULIANI





UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

**REITORA**

Profª Drª Nádina Aparecida Moreno

**VICE-REITORA**

Profª Drª Berenice Quinzani Jordão

**DIRETORA DO MUSEU HISTÓRICO  
DE LONDRINA**

Profª Drª Angelita Marques Visalli  
coordenação geral

**PROJETO DE RECUPERAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E  
DIGITALIZAÇÃO DA COLEÇÃO JOSÉ JULIANI**

Áurea Keiko Yamane  
Célia Rodrigues de Oliveira

**COLABORADORA/BOLSISTA**  
Ana Flávia Dias Zammataro

**REPRODUÇÃO E AMPLIAÇÃO FOTOGRÁFICA**  
Rui Cabral

**BIBLIOTECÁRIAS**

Rosangela Ricieri Hadadd  
Ruth Hiromi Shigaki Ueda



# LONDRINA DOCUMENTA

COLEÇÃO FOTOGRÁFICA JOSÉ JULIANI



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA  
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA**

Londrina, 2011

**SELO 40 ANOS DO MHL**  
Christian Steagal-Condé

**SELO 40 ANOS DA UEL**  
Elder Gustavo Abe

**PROJETO GRÁFICO, EDITORAÇÃO  
E RECUPERAÇÃO DIGITAL**  
Elder Gustavo Abe  
Glauber Pessusqui  
Pictolab Design

**REVISÃO DE TEXTOS**  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Valéria Bulhões Simon  
Projeto Disque Gramática / UEL

**FOTO CAPA**  
Acervo Museu Histórico de Londrina.  
Autor: Haruo Ohara / Doação: Lydia Juliani Martins

**FOTO CONTRA CAPA**  
Reprodução do acervo família Juliani  
Autor: desconhecido

**U51c** Universidade Estadual de Londrina. Museu Histórico de Londrina.  
Coleção fotográfica José Juliani / Museu Histórico de Londrina,  
Universidade Estadual de Londrina ; projeto de organização, recuperação e digitalização  
da Coleção de José Juliani [por] Áurea Keiko Yamane, Célia Rodrigues de Oliveira,  
coordenação Angelita Marques Visalli. – Londrina : UEL, 2011.  
120p. : il. ; 21 cm. – (Londrina documenta ; 2)

ISBN 978-85-7846-088-4

1. Fotografia – Londrina (Pr) – História. I. Yamane, Áurea Keiko. II. Oliveira,  
Célia Rodrigues. III Visalli, Angelita Marques. IV. Juliani, José, 1895-1976. V.  
Museu Histórico de Londrina. VI. Título. VII Série.

CDU 77.03(816.22)

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>07</b>
Coleção José Juliani .....	08
Profª Drª Angelita Marques Visalli	
O Lugar e o Olhar Certos .....	09
Leonardo Ramos	
As Imagens de José Juliani .....	10
Ignes Dequech Álvares	
José Juliani, o "Documentador" das Transformações Urbanas do Início de Londrina .....	11
Prof Dr Paulo César Boni	
As Fotografias de José Juliani entre os Fios da História e da Memória em Londrina .....	13
Prof Dr Richard Gonçalves André	
<b>ACERVO DE OBJETOS</b> .....	<b>15</b>
<b>COLEÇÃO FOTOGRÁFICA</b> .....	<b>19</b>





# *Apresentação*



## COLEÇÃO JOSÉ JULIANI

PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> ANGELITA MARQUES VISALLI  
Diretora do Museu Histórico de Londrina

As imagens de José Juliani (1896-1976) são muito caras à população de Londrina e região frente ao seu indiscutível valor histórico. Fotógrafo contratado pela Companhia de Terras Norte do Paraná entre 1933 e 1943, José Juliani registrou o processo de ocupação das terras que originou Londrina e demais cidades do norte do Paraná. Além disso, através de seu estúdio, notabilizou-se como fotógrafo dos momentos celebrativos da comunidade, constituindo coleção de extrema importância para construção da identidade da cidade e como material de pesquisa e reflexão histórica.

Agricultor descendente de imigrantes italianos, antes de se dedicar à fotografia, José Juliani exerceu várias outras atividades como conserto de relógios, máquinas de costura, armas de fogo e marcenaria. O encantamento pela fotografia veio da observação dos “retratistas” com suas máquinas armadas sobre tripé, na cidade de Nova Europa, quando das festas e acontecimentos públicos e, mesmo sem entender de fotografia, comprou seu primeiro equipamento: uma máquina 6x12, um lampião com vidro vermelho, banheiras, papel, chapas de vidro (negativos), líquido revelador e fixador, tudo por 80 mil réis, do fotógrafo “Alemão”.

Autodidata, adquiriu um “manual do principiante” e consultando livros e revistas sobre

fotografia, aprendeu o novo ofício. Em 1933 Juliani se estabeleceu em Londrina com sua esposa e cinco filhos, onde montou seu primeiro estúdio. As dificuldades para se manter como fotógrafo foram resolvidas com sua contratação pela Companhia de Terras Norte do Paraná. O estúdio, no entanto, foi mantido e, por volta de 1965, instalou uma máquina fotográfica, comumente chamada de “lambe-lambe” no centro da cidade, ao lado da catedral.

O Museu Histórico de Londrina adquiriu seu precioso acervo em 1976, após seu falecimento, contando com 440 fotos e 398 negativos de vidro. O Museu detém, ainda, um álbum constituído pelo fotógrafo contendo 108 fotos, além de dezenas de imagens distribuídas em várias coleções.

As fotografias são freqüentemente procuradas para pesquisa e exposição. Sua família doou, ainda, objetos de trabalho, entre os quais destacamos o equipamento fotográfico e um caderno de anotações, através do qual podemos compreender a dinâmica de sua produção.

O conjunto de imagens revela uma perspectiva de fotografia que por si desperta interesse histórico: um olhar direcionado, definido pela intenção enquadrada, a pose congelada, o registro oficial. Não existe em sua coleção fotografias de instantâneos.

Como fotógrafo de estúdio, perseguiu a composição mais perfeita para enquadrar a infância, a família, a beleza da moça.

Como fotógrafo contratado, apresentou a imagem positiva da cidade em crescimento, de um progresso sem contra-argumentação. Juliani apresentou visualmente o ideário do empreendimento colonizador. Tratam-se de imagens posadas, registros intencionais que compunham o processo de transformação dessa região – a evolução da paisagem local, o avanço das construções, as modificações do espaço, refletindo claramente a idéia de progresso econômico, de desenvolvimento. Essa preocupação se revela especialmente na realização de imagens panorâmicas.

Como fotógrafo de rua, congelou as feições dos transeuntes que assim o desejavam. Os registros realizados para famílias e passantes fazem parte de álbuns particulares, registros pulverizados que celebram a vida de cada um.

Nessa segunda edição da Coleção Londrina Documenta, com o apoio do Programa de Incentivo à Cultura do Município de Londrina, apresentamos parte do acervo José Juliani, uma das coleções mais significativas dos registros da memória da cidade e de sua comunidade.



# O LUGAR E O OLHAR CERTOS

LEONARDO RAMOS

Secretário Municipal de Cultura

Através das lentes de José Juliani Londrina foi sendo desbravada, construída e fixada no imaginário de tantos que se dispuseram a enfrentar duros obstáculos para chegar a um lugar só visível pela fotografia preto e branco da propaganda que alcançou locais tão distantes daqui.

O magnífico registro feito pelo fotógrafo para a Companhia de Terras é ainda hoje a porta de entrada da Londrina dos pioneiros como ele, para aqueles que buscam a cidade pela perspectiva da História. As primeiras edificações, a mata imponente, as figueiras representativas da fertilidade da terra, os impressionantes frutos das primeiras colheitas, a capacidade de trabalho dos primeiros

moradores, as fotos de família, de casamentos, enfim, a dinâmica da cidade foi documentada de modo a nos legar um “fiel retrato” deste lugar abençoado.

Sua vasta obra repousa já há tempos – embora sem descanso – no Museu Histórico, onde continua sendo alvo de tantos olhares curiosos e apaixonados por esta terra.

A Secretaria Municipal de Cultura através do Programa Municipal de Incentivo à Cultura sente-se honrada em poder contribuir com o Museu Histórico de Londrina na publicação deste Catálogo que vai, mais uma vez, levar o olhar de José Juliani para locais agora não mais tão distantes.

# AS IMAGENS DE JOSÉ JULIANI

ARQT. IGNES DEQUECH ÁLVARES

Presidente da Associação Amigos do Museu

Algumas imagens históricas de Londrina podem ser consideradas clássicas, como as que apresentam derrubadas de florestas, colheitas generosas, compradores de terras e acontecimentos políticos. São, muitas delas, imagens colhidas por José Juliani, fotógrafo da Cia. de Terras Norte do Paraná contratado em 1933.

A coleção de imagens de José Juliani é um dos mais importantes registros da memória de nossa cidade, e sua divulgação desvenda o processo da colonização e construção de nossa comunidade que desperta tanta admiração e interesse.

Uma das principais demonstrações do apreço pelos registros do crescimento de nossa cidade fica claramente evidenciada na constante e espontânea exposição dessas fotografias em hotéis, restaurantes, bancos e outros espaços públicos e privados.

A preservação dessas imagens impõe-se, assim, como objeto de grande interesse para a cidade.

Parte do acervo de Juliani, sob guarda do Museu Histórico de Londrina, é apresentada permanentemente na Galeria Histórica. Entretanto, a totalidade desse acervo foi apresentada ao público, pela primeira vez, na exposição “EXPRESSÃO VISUAL DE UM AUTODIDATA - JOSÉ JULIANI, O COLONO FOTÓGRAFO”, cuja realização foi viabilizada financeiramente pela inclusão, no Programa de Incentivo à Cultura, do projeto desenvolvido pelo Museu Histórico e apresentado pela ASAM – Associação Amigos do Museu Histórico de Londrina – à Secretaria de Cultura do Município.

A elaboração deste Catálogo é complemento indispensável à Exposição, pois registra e pereniza as imagens temporariamente apresentadas ao público, permitindo, assim, fácil e rápida revisitação a peças do acervo que, de outra forma, estariam guardadas e preservadas nos arquivos do Museu.

# JOSÉ JULIANI, O “DOCUMENTADOR” DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DO INÍCIO DE LONDRINA

PROF. DR. PAULO CÉSAR BONI

Coordenador do Curso de Especialização em Fotografia

Universidade Estadual de Londrina

Um acaso transformou José Juliani no maior documentador fotográfico do início da História de Londrina e região. Antes do acaso, porém, é preciso esclarecer que o termo “documentador” não existe no dicionário. Lá existe “documentarista”, aquele que documenta ou é especialista em documentação ou, ainda, aquele que prova alguma coisa através de documentos. Em suma, todos os significados explicitam a premeditação do ato de documentar e o uso e função do objeto documentado.

Com José Juliani não acontecia nada disso. Em essência, ele fotografava por paixão, pelo prazer de fotografar. Mas também fotografou a pedido da Companhia de Terras Norte do Paraná, empresa inglesa que deu início ao processo de colonização e desenvolvimento de Londrina. A CTNP precisava de imagens para propagandear seu empreendimento imobiliário no Brasil e no exterior, e Juliani foi o encarregado de tomá-las. Então, as fotografias que ele fazia eram premeditadas? Eram, sim, para atender aos interesses da colonizadora, e não suas premeditações pessoais. Ele não fazia a menor ideia,

naquele momento, que estava construindo o maior acervo histórico das transformações urbanas e sociais de Londrina e região.

Juliani chegou a Londrina em 1933, com a esposa e cinco filhos pequenos. Instalou-se num casebre construído às pressas na atual avenida São Paulo. Pouco depois, por insistência da esposa, mudaram para outro terreno, mais central, na esquina das atuais ruas Pará e Senador Souza Naves. Sem dinheiro para construir uma boa casa, desmanchou o casebre e o reconstruiu no novo endereço. À sua frente, colocou uma plaqueta com o reclame “Photo Studio”. A demanda por seus serviços, nesse momento, era praticamente nula.

Agora vem o “acaso”. Nesta época, a CTNP contratava serviços fotográficos de profissionais de outras cidades, notadamente de São Paulo. Ainda em 1933, Ernest Rosemberg, engenheiro da colonizadora, precisava de uma fotografia de uma pequena queda d’água para enviar a Londres. Com ela, esperava convencer o escritório central a autorizar a construção de uma usina hidrelétrica no local (córrego Cambezinho, hoje no Parque Arthur

Thomas). Para fazer a fotografia, a CTNP havia contratado o fotógrafo Hans Kopp, um austríaco que, à época, morava em Imbituva (PR). No dia marcado, o fotógrafo não apareceu.

Rosemberg, então, foi informado de que havia um fotógrafo em Londrina. Foi até a casa de Juliani e lhe perguntou se tinha condições (equipamentos) e capacidade (domínio do ofício) para fazer uma fotografia. Juliani disse que sim, e ambos foram para o local. Rosemberg entrou no córrego e se sentou sobre algumas pedras logo abaixo da queda d'água. Não que quisesse “aparecer” na fotografia; pensava apenas em servir de referência para que, em Londres, pudessem ter uma noção da altura da queda e avaliar se seria possível ou não a construção da usina.

Juliani fez duas “chapas” (naquele tempo, o negativo era uma chapa de vidro) da cachoeira. As fotografias ficaram muito boas, com recortes bem definidos, composição harmônica, boa profundidade de campo e elementos referenciais para análise, além de plasticidade. A CTNP escolheu a melhor e enviou para Londres. O escritório central aprovou a construção da usina, a primeira de Londrina. Esse foi o acaso. O fotógrafo não apareceu e, por acaso, alguém falou de Juliani para Rosemberg, que o contratou para executar o serviço. Depois disso, Juliani passou a ser o fotógrafo oficial da CTNP, apesar de sempre haver recusado um contrato de exclusividade. Assim, se Kopp tivesse aparecido, a história de José Juliani poderia ter sido outra, e o mais importante acervo fotográfico dos primeiros anos da História de Londrina poderia não ter sido produzido, e, se produzido, poderia ter se extraviado.

Tudo o que de bom acontecia em Londrina e cidades circunvizinhas interessava diretamente à CTNP e ela encarregava Juliani de fotografar. Ela utilizava essas fotografias para publicizar seu empreendimento imobiliário. Sua melhor ferramenta publicitária eram os álbuns fotográficos que os agenciadores de terras carregavam para mostrar aos potenciais compradores de outros estados (principalmente São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia) a fertilidade das terras vermelhas da região e o progresso que aqui corria a passos largos. Assim, dezenas de agenciadores desfilavam as fotografias de José Juliani Brasil afora.

Num primeiro momento, as imagens da fertilidade da terra: perobas centenárias, figueiras brancas com troncos que demandavam uma dezena de homens com os braços esticados para abraçá-las, frutas viscosas, hortaliças de tamanho impressionante (são famosas as fotografias da couve-flor ao lado de um bebê e da beterraba com uma régua, referências para dimensionar a magnitude dos vegetais). Num segundo momento, já com o município emancipado politicamente e em desenvolvimento, as fotografias de inaugurações importantes, dos serviços de infraestrutura essenciais, das grandes festas e das visitas de políticos. Tudo para mostrar ao Brasil e ao mundo que Londrina já fazia parte do mapa do Paraná e que era uma cidade em franco progresso, terra de oportunidades para investidores e profissionais liberais que viessem montar seus negócios.

Em razão dessa incumbência, Juliani documentou por mais de uma década as transformações urbanas e sociais da região, especialmente Londrina. Mais que isso. Instigado pela curiosidade insaciável

de um autodidata e motivado pela paixão pela fotografia, fotografou o cotidiano dos londrinenses e os passos de uma cidade que desabrochava, com suas atividades esportivas, culturais, sociais e religiosas.

Depois da transferência da CTNP para Maringá, na década de 40, Juliani continuou explorando o ofício e fotografou eventos sociais: casamentos, aniversários, formaturas, confraternizações. Nos anos 60, fechou o estúdio e foi para a praça, trabalhar como lambe-lambe. No início da década de 70, praticamente abandonou o ofício. Morreu em 3 de maio de 1976, aos 80 anos.

Sempre fez questão de assinar e datar suas fotografias. Mesmo sem se dar conta, foi um documentador da História de Londrina e região. Sempre cuidou com apreço de seu acervo, guardando as chapas de vidro, cuidadosamente embaladas. Uma infiltração em sua casa, no entanto, danificou boa parte de seus negativos de vidro. Depois de sua morte, a família vendeu o acervo para o Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.

Assim, graças a um “acaso”, à atitude da família em procurar o museu e à lucidez da Universidade Estadual de Londrina (administradora do museu) em identificar o valor histórico desse acervo, comprá-lo, higienizá-lo, recuperá-lo e disponibilizá-lo para consulta, hoje a sociedade londrinense e os pesquisadores de todo o país podem saber um pouco mais sobre Londrina e o norte do Paraná.

José Juliani é um nome que Londrina não pode esquecer, porque graças a ele os londrinenses têm a feliz oportunidade de conhecer mais sua História.

# AS FOTOGRAFIAS DE JOSÉ JULIANI ENTRE OS FIOS DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA EM LONDRINA

PROF. DR. RICHARD GONÇALVES ANDRÉ  
Universidade Estadual de Maringá

Descobri (ou teria sido uma redescoberta?) as fotografias deste catálogo há cerca de dez anos quando, no antigo prédio que comportava o Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina (CDPH-UEL), folhiei um álbum fotográfico que, confeccionado caprichosamente, tecia uma narrativa imagética sobre o desenvolvimento de Londrina e região. E lá estava a assinatura do fotógrafo ou artífice: José Juliani. Dessa experiência inicial até 2006, realizei uma pesquisa histórica analisando as representações inscritas nessas imagens, o que resultou em minha dissertação de mestrado defendida na Universidade Estadual Paulista em Assis.

Fotografias não são meras reproduções da realidade que apenas captam o real por meio de instrumentos técnicos. Segundo o fotógrafo norte-americano Ansel Adams, a câmera não é um robô que faz tudo sozinha, tratando-se, antes, de um meio flexível que permite ao usuário reconstruir o que observa de maneira particular, imprimindo nos negativos ou nos microchips suas visões de mundo e concepções artísticas. É o caso das imagens produzidas por Juliani, que trazem em sua linguagem não

apenas o “registro” de Londrina e região no passado, mas a perspectiva de um indivíduo que criava uma representação ímpar do que observava. Isso fica claro quando se compara as fotos elaboradas por seus contemporâneos, como George Craig Smith e Haruo Ohara, matizadas por outro olhar (nem melhor, nem pior, mas diferente) sobre as mesmas coisas (que aliás, no momento do clique, já deixam de ser as mesmas).

Nas fotografias de Juliani, as “criaturas da cultura” vêm à tona (emprestando a expressão do historiador britânico Simon Schama), pois parece haver o conflito entre dois discursos sobre o Brasil, um mais antigo, outro historicamente recente. Por um lado, é representada em suas imagens uma visão paradisíaca da natureza, dotada de abundância de árvores, rios caudalosos e fartura de alimentos. Essa perspectiva pode ser percebida por meio da recorrência, nos clichês em questão, de perobas e figueiras gigantes, que comportam diante de suas raízes homens pequeninos, de panoramas do rio Tibagi e de fotos que enfatizam a quantidade e qualidade alimentar, como aquela em que a filha

de Juliani, ainda bebê, posa (ou é posada?) diante de uma couve-flor de tamanho equivalente.

Por outro lado, há também nessas fotografias uma visão civilizatória, segundo os padrões convencionados na primeira metade do século XX: a natureza abundante, compreendida como recurso natural, deveria ser “domada” e transformada pelo homem. Isso resultaria na construção de casas, pontes, ruas, escolas, igrejas e na transformação da mata em agricultura. Essa perspectiva é indicada pelas imagens em que os colonos não apenas posam triunfalmente diante das árvores, como também realizam o trabalho de corte, transporte e transformação da madeira nas serrarias; em que a ponte para a passagem da via férrea é construída sobre o Tibagi; em que crianças, homens e mulheres são representados fazendo a colheita nas plantações ou saboreando a produção e, entre outros casos, em que a cidade de Londrina é fotografada panoramicamente, valorizando-se a extensão da malha urbana.

Foi justamente esse conflito de representações, paradisíacas e civilizatórias, que me chamaram a atenção naquele momento de (re)descoberta das fotografias de Juliani. Como historiador, considero

ser necessário contextualizar essa produção imagética. Uma coisa é “ler” essas imagens hoje, outra é interpretá-las de acordo com seu lugar e conjuntura de produção. Em primeiro lugar, é preciso saber quem era, afinal, o indivíduo por trás das lentes. Juliani pertencia a uma família de ascendência italiana que, antes de chegar ao Paraná, havia residido nas cidades paulistas de Piracicaba e Nova Europa. Por volta de 1933 e 1934, o grupo familiar mudou-se para Londrina, então região de fronteira em expansão decorrente, em parte, da ação da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP). Na década de 1920, esta havia comprado terras do governo paranaense e posteriormente iniciado o processo de venda de lotes fundiários. Juliani já dispunha de conhecimentos fotográficos, na medida em que teria estudado de forma autodidata por meio de livros importados da Itália, segundo seu filho, o também fotógrafo e apicultor Luiz Juliani, com o qual realizei entrevista em 2005. Conhecendo o fato, a Companhia cooptou os serviços de José Juliani, substituindo o trabalho do antigo fotógrafo Hans Kopp, que residia em Ourinhos (SP). Durante praticamente uma década, o novo fotógrafo dispôs de câmera para a CTNP, que utilizou suas imagens em panfletos e cartazes publicitários com o intuito de vender terras. Após a derrocada da empresa em meados da década de 1940, quando foi nacionalizada e transformada em Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, Juliani continuou produzindo clichês fotográficos, seja por gosto, seja atuando como lambe-lambe nas ruas de Londrina.

No dizer da ensaísta norte-americana Susan Sontag, uma “[...] fotografia é [...] um fragmento, e com o passar do tempo suas amarras se desprendem.

A deriva, vai-se transformando em passado difuso e abstrato, aberto a qualquer tipo de leitura [...]”. Foi o que ocorreu com as imagens de Juliani, na medida em que, em seu contexto histórico de produção, desempenhavam a função principal de instrumento publicitário para a venda de terras, estampadas, por exemplo, em panfletos que propagandeavam, por meio de elementos imagéticos e escritos, a abundância da natureza regional e os benefícios oferecidos. Contudo, com o passar dos anos, suas fotos assumiram outras funções em Londrina, sendo reinterpretadas e revitalizadas.

Ao longo das décadas de 1930 a 1950, o município passou por um crescimento populacional que superou as expectativas iniciais da CTNP, cujo planejamento inicial havia sido para trinta mil habitantes. Em 1950, segundo José Miguel Arias Neto, a população total chegava a aproximadamente setenta e dois mil indivíduos. O fenômeno foi decorrente, em parte, da campanha desenvolvida pela CTNP e pelas possibilidades econômicas, sobretudo cafezeiras, existentes na região. Com isso, houve a necessidade de construir uma memória coletiva, tecer uma narrativa sobre o passado que pudesse oferecer uma identidade para a região. Nesse sentido, as fotografias de Juliani passaram a ser utilizadas em publicações comemorativas da cidade, nem sempre aludindo à devida autoria. Começaram a ser estampadas lado a lado às narrativas quase mitológicas dos pioneiros, figuras celebrizadas no memorialismo londrinense que teriam aberto a mata em meio ao sofrimento dos primeiros anos e, por fim, gozado os frutos da terra. Ao mesmo tempo, percebendo a mudança de função de suas imagens, o próprio Juliani

começou, por conta própria, a confeccionar álbuns nos quais tecia a memória do olhar sobre a cidade, vendendo-os a possíveis interessados. Foi justamente um desses álbuns remanescentes que consultei, pela primeira vez, no CDPH-UEL.

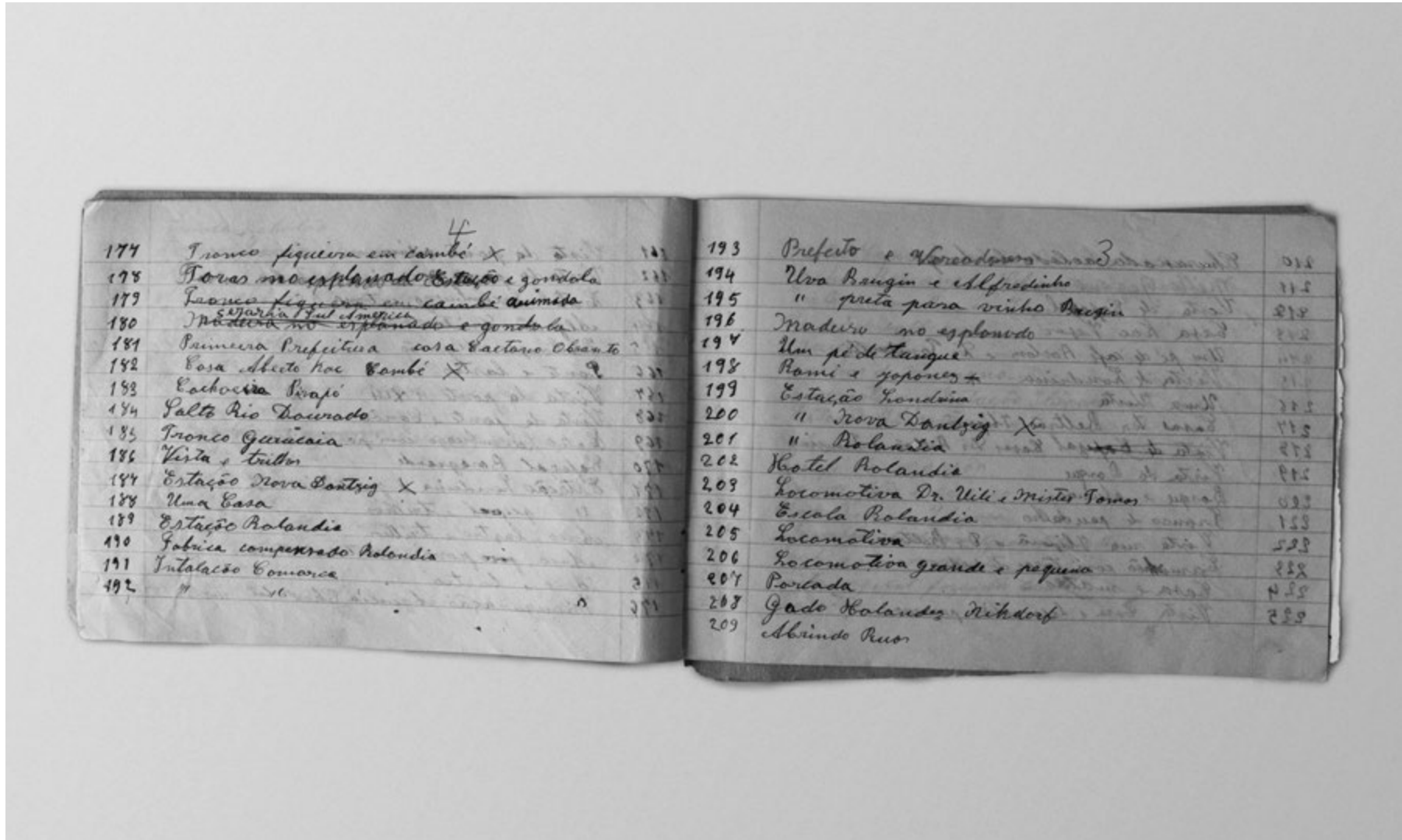
O movimento memorialista não se encerrou na década de 1950, sendo constantemente reatualizado, como um mito de origem, por meio de novas edições comemorativas, especiais de aniversário da cidade publicados nos principais jornais londrinenses, entre outros. Em 1959, de acordo com Gilmar Arruda, as fotografias de Juliani foram utilizadas como base para a elaboração de um mural com azulejos construído na fachada do antigo prédio da prefeitura, representando o desenvolvimento de Londrina contrapondo os primeiros tempos ao final da década de 1950. Um novo monumento, semelhante ao anterior, foi construído em 1984 diante da Secretaria Municipal de Cultura. Hoje, as imagens produzidas por Juliani encontram-se estampadas em paredes de farmácias, supermercados, capas de listas telefônicas, cartões-postais, mouse-pads e até mesmo em cartõezinhos de moto-táxi. A apropriação de suas fotos indica que estas foram monumentalizadas e transformadas em ícones da memória regional.

O catálogo que o leitor tem em mãos, elaborado pela equipe do Museu Histórico Padre Carlos Weiss, possui o mérito de ser uma das primeiras compilações da obra fotográfica de Juliani de forma sistemática e criteriosa. A publicação atenta para seu caráter historicamente documental, sem perder, também, a natureza monumental, nas complexas e entrelaçadas tessituras da história e da memória.



*Acervo de Objetos*





Caderno de anotações dos negativos de vidro do fotógrafo José Juliani





Negativo de vidro com imagem da chegada do trem  
na estação ferroviária de Londrina, 1935.



Câmera fotográfica que pertenceu ao fotógrafo José Juliani. Autor: Rui Cabral



*Coleção Fotográfica*





Primeira estação ferroviária de Londrina.  
04.04.1935





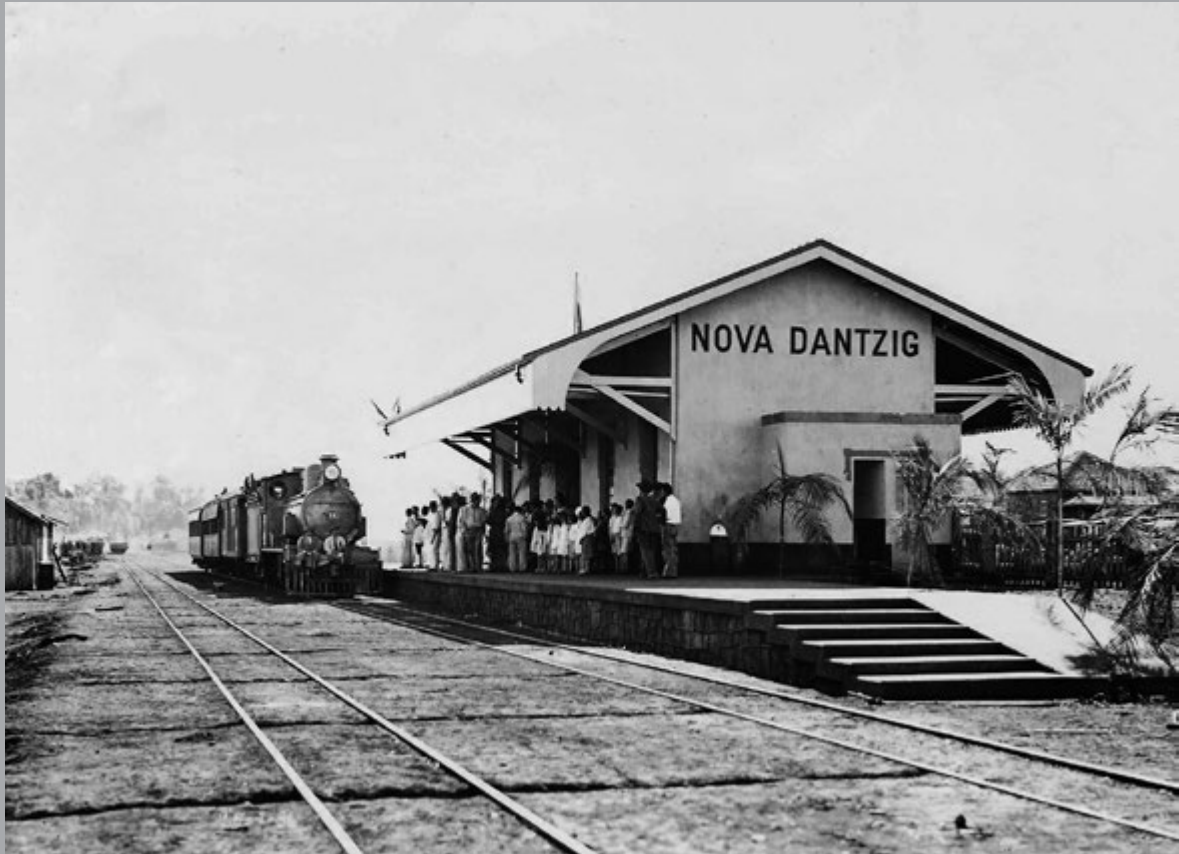
Manobreira suíça com locomotiva americana da  
Ferrovia São Paulo - Paraná. Estação Ferroviária de  
Londrina. Década de 1930.





Chegada do trem em Nova Dantzig (Cambé).  
01.12.1935.





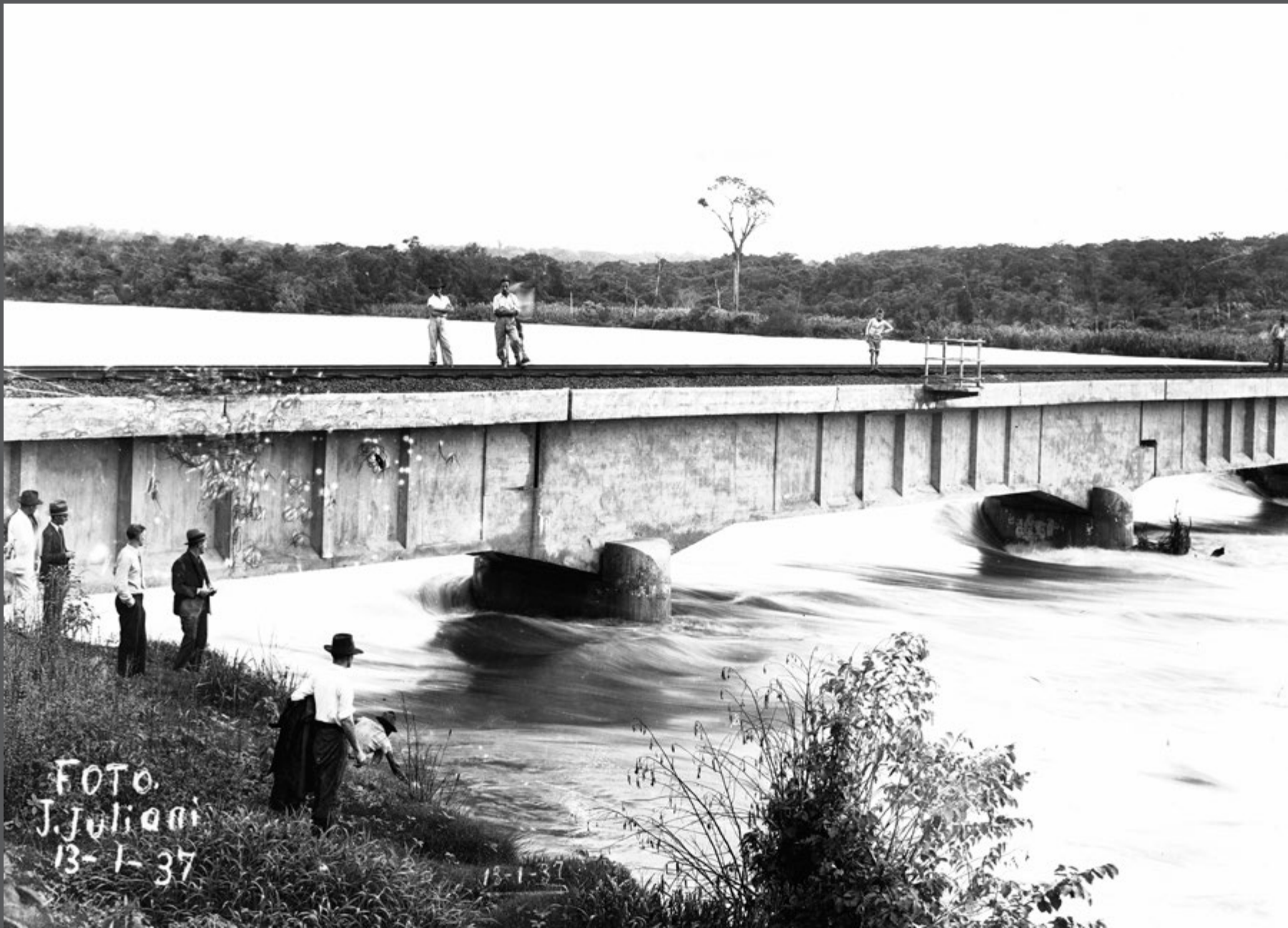


Passagem do trem na antiga Estação Ferroviária  
de Ibiporã, rumo a Londrina. Setembro de  
1936.





A maior enchente registrada pelo fotógrafo José  
Juliani no Rio Tibagi. 13.01.1937.





Mamoeiro. Década de 1930.





Primeira casa em alvenaria de Eugênio Larionoff construída na Avenida Higienópolis com a Rua Sergipe, onde hoje está o Edifício Newton Câmara, 1935.







Colheita de uva na propriedade da família de  
Eugênio Brugin. Imediações da atual Avenida  
Arthur Thomas. Década de 1930.





Residência de José Juliani, onde também funcionava  
o “Photo Studio”. Localizava-se na Rua Minas  
Gerais, atual Rua Senador Souza Naves.  
Década 1930.





Passeata em homenagem a Willie Davids,  
prefeito de Londrina, 08.12.1938\*.





Posse do primeiro prefeito eleito, Dr. Willie da Fonseca Brabazon Davids, e instalação da Câmara Municipal de Londrina, 20.01.1936.







Professora Mercedes Martins Madureira com  
seus alunos em frente à primeira escola pública  
de Londrina, localizava-se onde, hoje, é o  
Edifício Comendador Júlio Fuganti, 1936.





Segunda estação rodoviária de Londrina.  
Atual Praça Willie Davids (calçadão),  
28.08.1938.



FOTO  
J. Juliani - 28-8-38



Campanha para construção da Santa Casa de  
Misericórdia de Londrina, 09.11.1936.



FOTO.  
J. Juliano - 9-11-35



Inauguração das Casas Pernambucanas.  
Avenida Paraná, esquina com a Rua Rio de  
Janeiro, 03.02.1935.







Primeiro matadouro de Londrina. Localizava-se nas proximidades do antigo Colossinho (Instituto Filadélfia), no final da Rua Antonina, 08-03-1934.





Posto de compra de algodão da firma  
Anderson Clayton e Cia. Década de 1930.





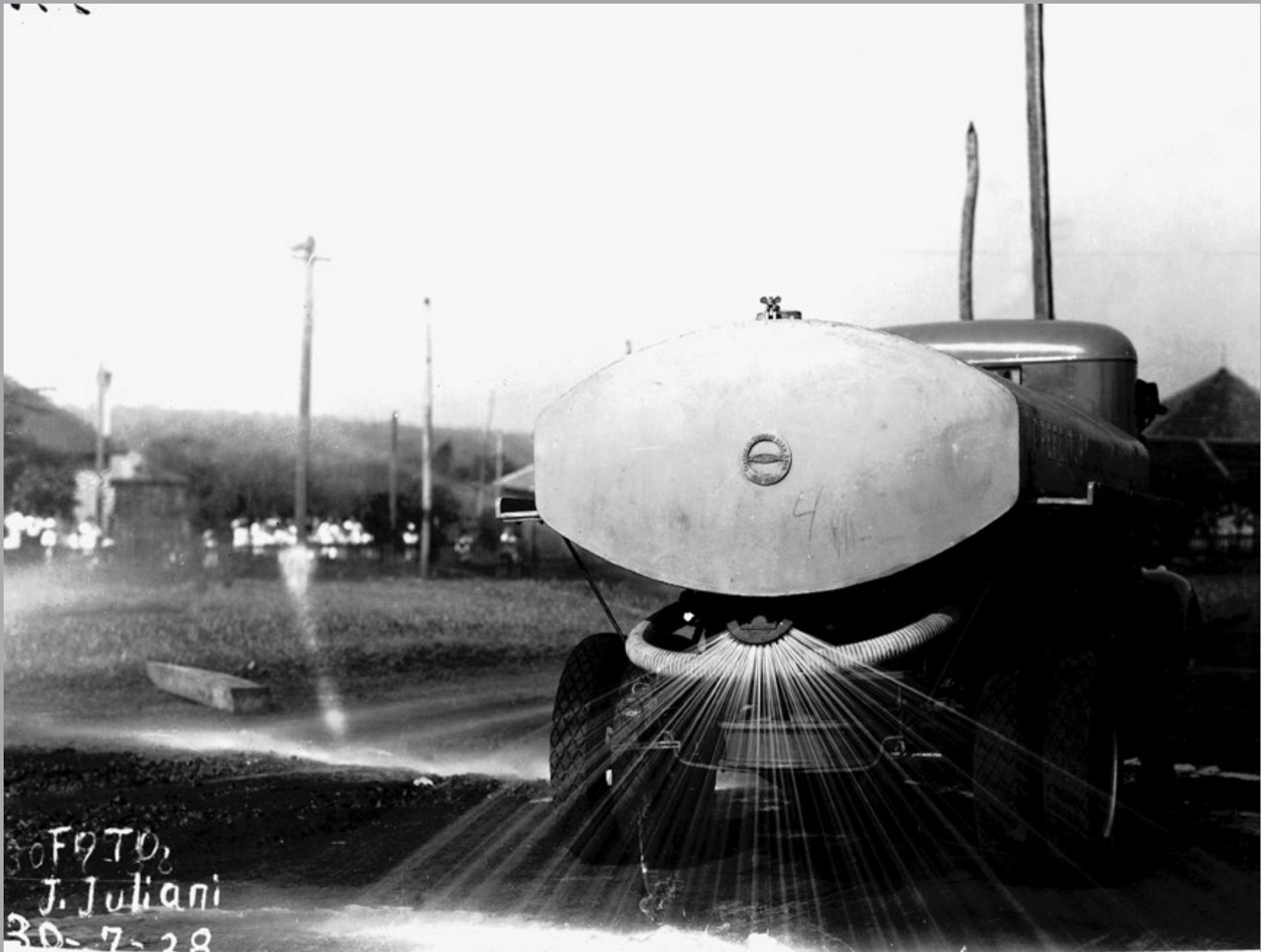
Caminhões utilizados para transporte de carga,  
Avenida Paraná, 15.07.1938.





Caminhão “pipa” regando a Avenida Paraná. Ao fundo, o Clube Redondo, 30.07.1938.







Abertura de estrada na região de Londrina.  
Manoel Cypriano como motorista.  
Final da década 1930.





Hotel Rolândia, 04.11.1934.



Photo-studio  
Gondrino

D-11-1934



Alcides Melo, motorista da Companhia de  
Terras Norte do Paraná e o Chevrolet ano 1938  
movido a gasogênio, na Fazenda Primavera, s.d.





Primeiro avião em Londrina na inauguração  
do campo de pouso, conhecido como “Aviação  
Velha”. Fazenda Palhano, 27.11.1938.





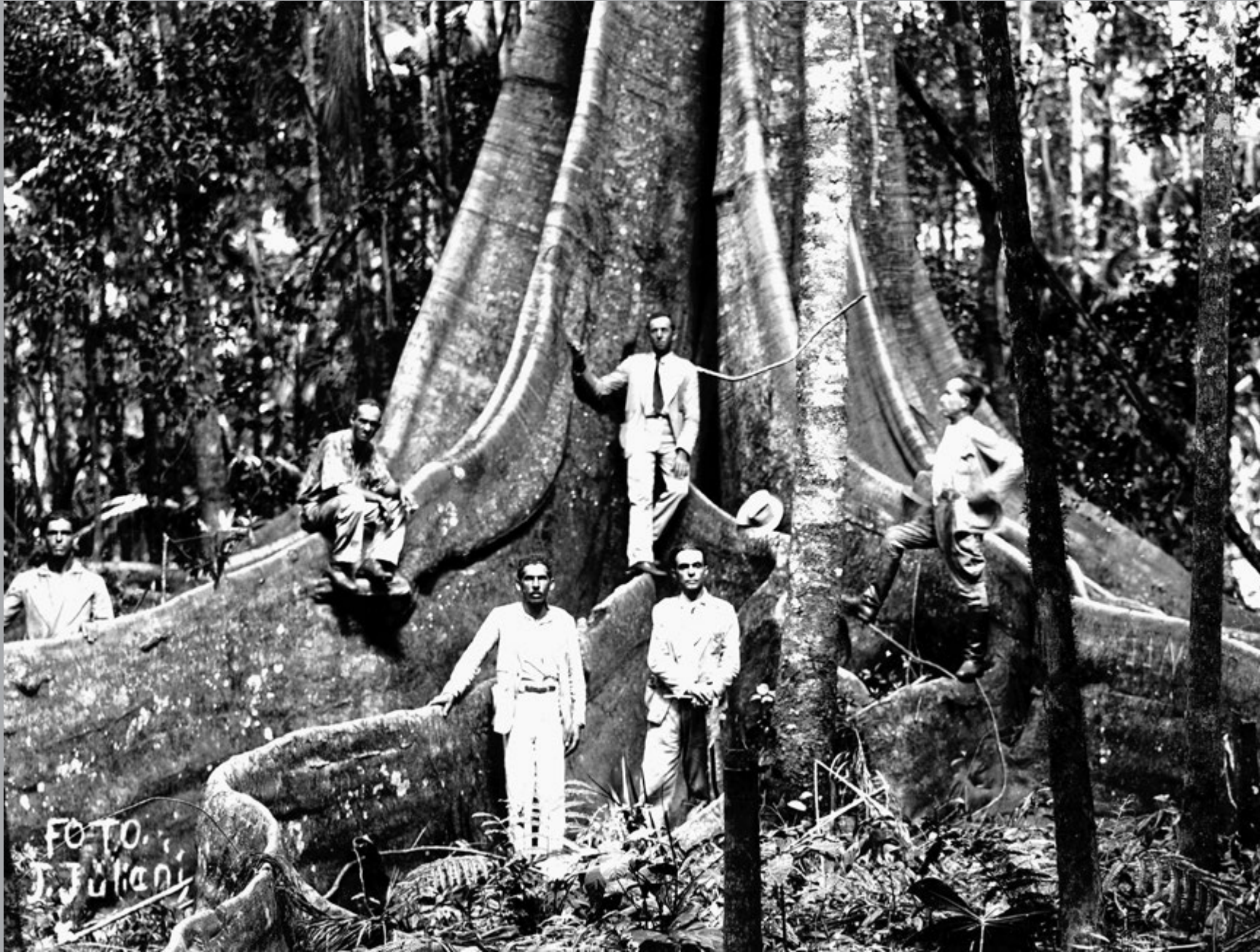


Casa de máquinas da primeira usina hidrelétrica  
de Londrina, no Ribeirão Cambé, atual Parque  
Arthur Thomas, inaugurada em 1939.





Figueira branca, árvore típica da região.  
Década de 1930.





Primeira imagem registrada pelo fotógrafo José Juliani para a Companhia de Terras Norte do Paraná, no Salto do Ribeirão Cambé, atual Parque Arthur Thomas, 1933. Na foto, o engenheiro Ernest Rosemberg.





Cultivo de aveia. Década de 1940.







Maria, filha de José Juliani, 1936.





Beterraba, s/d.





Serraria Pedro Martins, hoje, Jardim Londrilar.  
Vendo-se, ao fundo, algumas araucárias, árvore  
típica do Paraná. s.d.





Desfile de Sete de Setembro na Avenida Paraná,  
1937.





FOTO.  
J. Juliani



Vista panorâmica de Londrina, 1937.





Frota de carros de aluguel, esquina da Rua  
Maranhão com Minas Gerais.  
Final da década de 1930.





Hotel Germânia, depois Grande Hotel, foi o segundo de Londrina, construído pelo engenheiro Carlos Rotmann na esquina da Avenida Paraná com a Rua Mato Grosso, 09.11.1933.

107



9-10-33



Balsa utilizada para travessia do Rio Tibagi,  
1933.







Derrubada de uma peroba no antigo sítio de  
Antônio Vendrame, atual Jardim San Remo,  
1934.





Toras de cedro no pátio da Serraria Siam,  
28.11.1936.





Escritório da Cia de Terras Norte do Paraná  
na rua Maranhão, esquina com a Minas Gerais,  
hoje, Edifício Autolon e Cine Ouro Verde, 1935.





Inauguração da primeira igreja católica de Londrina, 19.08.1934.





FOTO  
19-834 J. J. ...

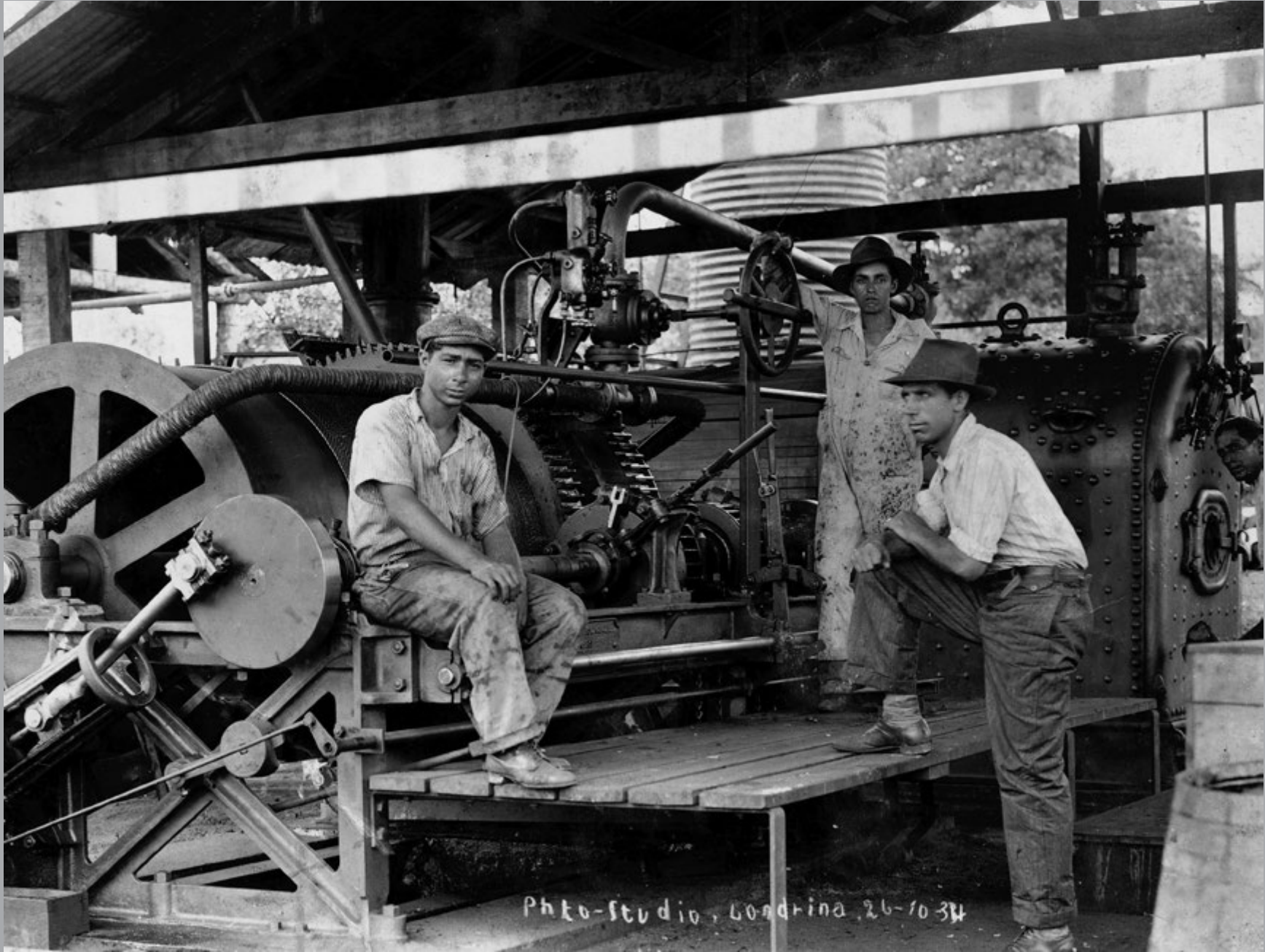


Charretes de aluguel na Alameda Manoel Ribas,  
defronte ao antigo Paço Municipal.  
Década de 1950.





Trabalhadores próximos à máquina motriz que movimentava o cabo aéreo para o transporte de operários e materiais na construção da ponte ferroviária sobre o Rio Tibagi, 26.10.1934.





Concurso da Rainha da Primavera  
no Clube Redondo em Londrina,  
24.09.1938.





Cabo aéreo servindo para transporte de madeiras,  
gêneros alimentícios e trabalhadores na fase de  
construção da ponte ferroviária sobre o Rio Tibagi,  
30.12.1934.





Foto di  
J. Giuliani



Primeira comunhão das alunas do  
Colégio Mãe de Deus, 16.10.1949.





Silvio e Luis Juliani, entre outros.  
Rua Senador Souza Naves, 1937.





Residência do Dr. Kurt Muller, médico do  
“Hospitalzinho” da Companhia de Terras Norte  
do Paraná. Patrimônio Três Bocas (Londrina).  
Década de 1930.





Vista parcial de Londrina, 1934.







Casal Zelinda Campana e José Henrique dos  
Santos, um dos vários casamentos registrados  
por José Juliani em seu Atelier, 1936



LONDRINA DOCUMENTA

COLEÇÃO FOTOGRÁFICA JOSÉ JULIANI



LONDRINA DOCUMENTA

COLEÇÃO FOTOGRÁFICA JOSÉ JULIANI



Vista panorâmica de Londrina, 1934.

LONDRINA DOCUMENTA

COLEÇÃO FOTOGRÁFICA JOSÉ JULIANI



LONDRINA DOCUMENTA

COLEÇÃO FOTOGRÁFICA JOSÉ JULIANI



Vista panorâmica de Londrina, 04.03.1959.

PROMOÇÃO

---



REALIZAÇÃO

---

PATROCÍNIO

---

